

RESENHA:

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

Aperte o “Esc” da Caverna Digital

BRENO SERODIO*

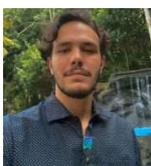
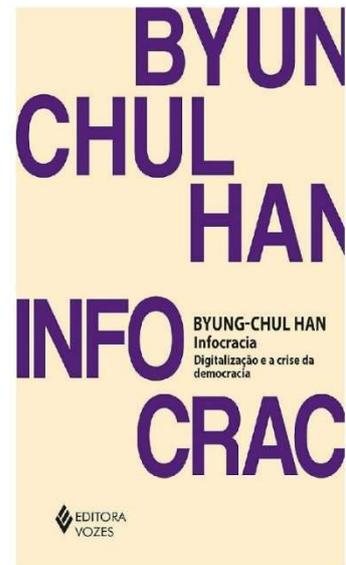
O presente texto resenha a obra “Infocracia: digitalização e a crise da democracia” do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Neste livro, Han busca compreender a atual fase da sociedade marcada pela generalização da crise democrática amparado na crítica da tecnologia como ferramenta de poder. O livro se divide em 5 partes pungentes e acessíveis. Não é preciso deter algum conhecimento acadêmico prévio da área filosófica para assimilar os encadeamentos lógicos e as contribuições da obra em apreço. A própria escrita foge, em grande medida, das exigências e padronizações da academia. Han redige em timbre ensaístico, com frases enxutas, parágrafos curtos e sem apresentação de elementos pré e pós textuais.

Em seu cálamo transparente, o autor apresenta relevante colaboração para as investigações focalizadas na autoexploração do indivíduo; o novo sujeito histórico do modo de produção capitalista neoliberal-financeirizado. Ao longo do texto, Han parte do pressuposto de que o “Regime de informação” opera em substituição ao “Regime disciplinar” foucaultiano. Em outras palavras, a sociedade enfrenta a passagem da exploração dos corpos para a exploração

dos dados, sendo que o núcleo do poder não está mais

ligado ao usufruto dos meios de produção, mas sim ao acesso à informação. Essa informação, por sua vez, é utilizada para o controle comportamental das populações. O Regime de informação acopla-se ao capitalismo da informação desenvolvido sob a égide da vigilância e a Democracia sai de cena para a entrada da Infocracia. Com base nessa premissa, seu foco reside no estudo da alteração da esfera pública que enfraquece o entendimento da sociedade acerca da “democracia”, a partir do dataísmo.

No limite, o autor expõe que a grande transformação imposta pela Infocracia é a inserção da percepção de liberdade no seio dos consumidores e produtores, os antigos cidadãos. O paradoxo nessa história se resume ao fato de que a sensação de liberdade cria novos mecanismos de dominação. A liberdade é explorada e não reprimida. A prisão digital não gera a docilização dos corpos, tampouco sua obediência. O cidadão-consumidor crê inteiramente na sua liberdade, criatividade e autenticidade, e esse é o motor



* **BRENO SERODIO** é Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com graduação em Gestão Pública pela mesma instituição.

transformador da sociedade. O indivíduo que se auto-explora na sociedade do cansaço é o mesmo que se aplica à sociedade paliativa e submete-se ao regime de informação.

A primeira parte intitulada *Regime de informação* trata da forma de dominação materializada no controle dos dados. “Chamados regime de informação a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmo e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos” (HAN, 2022, p.7). Para Han, o capitalismo industrial, por intermédio do Regime disciplinar, docilizou os corpos, fabricou mercadorias e castrou os seres humanos como animais do trabalho. Em suma, tratava-se de uma dominação biopolítica. Inversamente, o Regime de informação se dá por meio de uma coação pós-disciplinar, pois os próprios subordinados se produzem, isto é, põem-se voluntariamente neste meio. Por isso, o regime da informação se diferencia fundamentalmente do regime disciplinar. A dominação se concretiza quando a liberdade e a vigilância coincidem.

Nessa linha, Han defende que o novo modelo de controle informacional predispõe que os dados são os únicos espectros verdadeiramente livres. As populações acreditam, ilusoriamente, que são livres, mas apenas a informação, de fato, é. O interesse do regime de informação não está no corpo, mas sim no apoderamento da psique através da psicopolítica. A liberdade sentida está resumida em clicar, curtir, compartilhar e postar. Sou porque existo digitalmente.

A segunda parte denominada *Infocracia* trata da degeneração da democracia por meio da anulação de seu princípio fundamental: a auto-observação da sociedade. Han defende que os afetos operam com maior velocidade se relacionados com as dimensões da

racionalidade. Por consequência, em uma comunicação afetiva (núcleo do Regime de informação), as melhores argumentações e adaptações discursivas não prevalecem. Quem prevalece, de fato, são aquelas informações com maior potencial de estímulos. No Regime de informação, a sociedade não se comporta mais como telespectadora apática. Agora, produz e consome de forma permanente. A sociedade torna-se emissora ativa. Notícias metamorfoseiam-se em narrativas e a distinção entre fato e ficção se desmancha no ar.

Durante a exposição da terceira parte, *O fim da comunicação comunicativa*, a principal tese desenvolvida consiste na ideia de que a informação se tornou um elemento identitário e narrativo altamente volatizado. Assim, Han atribui o desaparecimento do outro como causa elementar da crise da ação comunicativa enfrentada pela contemporaneidade. A ausência do outro promove o fim do discurso e as mídias sociais fortalecem essa quebra: constrói-se uma comunicação sem espírito de comunidade. Como não se pode formar uma esfera pública política sem comunidade (influenciadores e seguidores não são uma comunidade), o Comum desaparece.

Na esteira do exposto, ergue-se um novo advento, a *Racionalidade digital* que intitula a quarta parte. Esta racionalidade equilibra-se com a ausência de discurso, opondo-se diametralmente à racionalidade comunicativa. Esse advento representa a ruína da esfera pública delineada por Hannah Arendt e Jürgen Habermas. Os algoritmos ocupam o espaço dos argumentos e a repercussão primordial desta substituição reside na lógica de que os argumentos podem ser aprimorados, enquanto os algoritmos otimizados. A generalização da digitalização produz a proliferação informacional, eclodindo o marco discursivo. Os defensores desta

digitalização, os dadaístas, buscam uma sociedade sem política. A pós-democracia digital, para eles, apresenta-se como mais eficiente do que a democracia partidária. Desse jeito, planejamento e controle ganham corpo ao passo que a política e o governo se enfraquecem.

A crise da verdade é a quinta parte que encerra o livro. Para Han, tal crise consiste no ponto fulcral decorrente da sociabilidade modulada pela Infocracia. Com base no extravio de teorias da conspiração, a realidade passa a ser operada de forma apartada das informações. Forma-se um espaço hiper-real. A queda da crença na facticidade usurpa o fundamento sólido da verdade. Fake News, facticidade e realidade são apresentados como fenômenos distintos entre si, mas imbricados na compreensão do autor. Em resumo, as fake news atacam a facticidade, portanto não são mentiras, mas sim mecanismos de desfactualização da realidade. Assim, a digitalização se opõe ao regime factual, pois enfraquece a consciência dos fatos e, por conseguinte, da realidade.

Desse modo, conclui-se que o texto de Byung-Chul Han apresenta uma sólida argumentação em torno da ruptura do Regime disciplinar, ao defender a emergência do Regime de informação. Nesse contexto, a obra utiliza uma teorização original e oferece um referencial teórico contemporâneo de grande relevância. De forma similar a outras obras de Han, nesta oportunidade, são disponibilizados instrumentos significativos para a investigação das influências da sócio-técnica e, principalmente, das tecnologias digitais na política, com foco na crise contemporânea da democracia.

Sem uma profunda incorporação das reflexões fornecidas por este livro, a

compreensão do Regime de informação e da Infocracia perde substância. Assim, é importante ratificar que uma das habilidades mais destacadas de Han reside na apresentação de uma discussão robusta e aprofundada, acessível até mesmo para pesquisadores com pouco conhecimento em filosofia política. Portanto, estudiosos dos mais diversos campos das ciências humanas e das ciências sociais aplicadas que desejam explorar essas interconexões encontram neste livro uma valiosa ferramenta.

O livro chega ao Brasil em um momento oportuno para repensarmos a relação entre tecnologia e democracia, e indiscutivelmente, pode-se afirmar que o texto é essencial para aqueles que buscam compreendê-la através de uma abordagem crítica e não reducionista. Han, aportando atuais reflexões e referenciais, desafia a suposta neutralidade algorítmica e desta maneira, consolida sua posição como teórico e ensaísta fundamental na análise das formas de poder no mundo contemporâneo.

Indubitavelmente, as contribuições do autor em relação às formas de exploração do capitalismo vão além do conceito de Sociedade do Cansaço. As lógicas da Infocracia e do Regime de Informação oferecem um terreno fértil para outros autores explorarem relações sociais, políticas, culturais e dialógicas, embasados na filosofia do autor em questão. Portanto, é plausível e desejável que outros pesquisadores se aprofundem e ampliem o uso desses conceitos, enriquecendo assim o campo teórico da teoria social, da sociologia e da ciência política.

Recebido em 2023-07-26
Publicado em 2023-10-20